



**III CONGRESSO IBERO-AMERICANO
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
BELÉM – PARÁ – BRASIL
04 a 07 de novembro de 2015
ISSN 978-85-89097-68-0**

**MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA DE
PELOTAS: articulações profissionais durante os anos de 1940 e 1960**

**Laura Leal Moreira³³⁴
Diogo Franco Rios³³⁵**

RESUMO

O presente trabalho está vinculado a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), pelo projeto de pesquisa “Educação Matemática no Rio Grande do Sul: Instituições, personagens e práticas (1890-1970)” (RIOS, 2014) e faz parte do projeto de Iniciação Científica da primeira autora, que tem por objetivo identificar espaços de formação de professores de matemática, sendo eles formais ou não, no município de Pelotas. Neste recorte, apresentaremos as articulações profissionais de professores de Matemática, no município, entre os anos de 1940 e 1960, utilizando como metodologia a História Oral. Além disso, o trabalho traz duas entidades que foram importantes espaços para formação de professores na cidade, a Associação Sul-Rio-Grandense de Professores (ASRGP), o Centro de Estudos Matemáticos (CEM). Para nos ajudar a explicar estes processos, apresento as memórias de Lino de Jesus Soares, professor que antes da institucionalização do primeiro curso de formação de professores de matemática, em Pelotas na década de 60, já atuava em escolas do município.

Palavras-chave: História da Educação Matemática. História Oral. Formação de professores. Pelotas.

³³⁴ Discente da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Campus Pelotas. Bolsista do Programa Institucional de Bolsistas de Iniciação à docência (PIBID). E-mail: laurallm93@hotmail.com

³³⁵ Docente da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Campus Pelotas.
E-mail: riosdf@hotmail.com

INTRODUÇÃO

As pesquisas em História da Educação Matemática vêm ganhando um espaço razoável nos seminários e congressos relacionados à Educação Matemática nos últimos anos no país. Também nesse sentido, no Brasil, criou-se recentemente um fórum especializado para discutir o tema, o Encontro Nacional de Pesquisadores em História da Educação Matemática (ENAPHEM), que acontece bianualmente, e no ano de 2014 realizou-se sua segunda edição, buscando agregar seus pesquisadores e divulgar as pesquisas que estão ocorrendo neste âmbito no país.

No que diz respeito aos trabalhos no campo da História da Educação que vem sendo produzidos no Rio Grande do Sul, vale mencionar que há uma série de investigações relacionados às tentativas de institucionalização e apropriação das formas de ensinar matemática que se implementavam no país durante o século XX. Contudo, tais trabalhos ainda têm mantido como foco principal as instituições da capital do estado (BÚRIGO, 2010; FISCHER 2008).

Vinculado a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – RS, está sendo desenvolvido o projeto de pesquisa “Educação Matemática no Rio Grande do Sul: Instituições, personagens e práticas (1890-1970)” (RIOS, 2014), que está comprometido em preencher as lacunas existentes em relação as práticas educativas de Matemática, localizando, identificando e analisando instituições e personagens, relacionados com o ensino da área no estado, não tendo como foco a capital, no período de 1890 à 1970, tomando como ponto de partida a cidade de Pelotas.

Nesse contexto, existe o projeto de iniciação científica da primeira autora que, busca identificar instituições que promoveram ações de formação de professores de matemática, formais ou não, no município de Pelotas, antes da criação do primeiro curso de graduação em Matemática da cidade, na década de 60, a começar pela identificação de sujeitos que participaram dessas iniciações, produzindo fontes orais a partir dos mesmos.

Nesta pesquisa desejava-se ouvir memórias. Ouvir histórias coletivas contadas por diferentes vozes. Reconhece-se que a produção de fontes orais necessita de um cuidado especial, pois de acordo Portelli (2010), a memória não é um ato imediato, fazendo com que os relatos sejam mutáveis e instáveis, e, que o entendimento desta metodologia, exige uma pesquisa sobre os aspectos teórico-metodológicos, por isso, estudos com este enfoque também estão sendo desenvolvidos nesta pesquisa de iniciação científica.

Optou-se então trabalhar com a História Oral, uma vez que ela possibilita contemplar perspectivas da formação de professores, sob um ponto de vista peculiar, considerando as particularidades das experiências narradas pelos sujeitos. As reflexões a esse respeito também contarão com a análise de documentos, que encontram-se sob a posse das entidades envolvidas nessas ações de formação, e já estão disponíveis.

Nos últimos anos a História Oral vem obtendo um aumento significativo no número de adeptos entre os historiadores da Educação Matemática. Um exemplo desse crescimento é a criação, em 2002, do Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM³³⁶), cuja proposta é reunir pesquisadores em Educação Matemática que se interessassem pela História Oral como recurso metodológico para a pesquisa científica.

De acordo com Garnica (2011), esse crescimento se alia ao fato de quanto essa metodologia contribui para explicar processos tanto na Educação Matemática como em outros campos, tais como a Filosofia da Educação Matemática, Etnomatemática e a Modelagem Matemática, uma vez que, a História Oral, traz a pesquisa científica, à inserção de uma abordagem, que é de interesse das áreas mencionadas, privilegiando os aspectos sociológicos e culturais, visando as ações e as experiências dos sujeitos.

Tratando especificamente do que será apresentado nesse trabalho, como ponto de partida, decidiu-se localizar professores de matemática de Pelotas que atuaram durante algum tempo sem formação, e estiveram envolvidos em ações direcionadas à formação de professores, buscando a partir dessas fontes produzidas, explicar os processos de formações de professores que ocorreram na cidade. Para tanto, o presente recorte traz as memórias de um professor de Matemática que atuou nesta época, com o qual foram realizadas cinco seções de entrevistas, que geraram nove horas e três minutos de gravação e que produziram cento e trinta e duas páginas de transcrições, todas elas já lidas e autorizadas pelo entrevistado para a utilização em pesquisas científicas.

Nas entrevistas tivemos o cuidado de deixar que o sujeito nos contasse sua experiência profissional, alimentando o diálogo com provocações, devido ao fato de que a entrevista é, muitas vezes, um lugar de tensões, onde o pesquisador busca por uma resposta e o narrador quer narrar sobre tópicos diferentes (PORTELLI, 2010), dessa forma, íamos retomando pontos que queríamos que o mesmo falasse, a partir de aspectos que o próprio havia mencionado. Tendo em consideração que alguns temas o narrador não tocou durante

³³⁶ Para saber mais sobre o GHOEM acesse:
<<http://www2.fc.unesp.br/ghoem/index.php?pagina=sobre.php>>

os discursos, na última seção das entrevistas, optou-se por questionar ao mesmo sobre qual era sua visão sobre temas específicos.

Outra consideração, acerca das entrevistas, diz respeito forma com que foi realizada a transcrição das narrativas. Buscamos durante todo o processo, manter o máximo possível o tom oral da fala do personagem, para que no texto a marca desta produção oral nas citações diretas fosse mantida. Tratou-se de um processo difícil, e que requereu compromisso com a criação de estrutura textual de transcrição que atendesse essa exigência. Tais cuidados se expressam neste trabalho, nas citações diretas relacionadas às narrativas do entrevistado. Exemplos disso estão presentes nas reticências, que indicarão a existência de silêncio, às vezes no ponto de exclamação conotando a entonação da voz do sujeito e nas palavras repetidas marcando a confirmação da veracidade no que o professor queria nos contar.

No próximo tópico, apresentaremos considerações à respeito da formação de professores de matemática em Pelotas, tomando as fontes orais produzidas a partir de uma entrevista, para ajudar a explicar as articulações vivenciadas pelos professores da cidade.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA EM PELOTAS

O professor Lino de Jesus Soares é natural de Arroio Grande- RS, pequeno município no entorno da cidade de Pelotas, possui graduação em Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel) em 1974, antes mesmo de sua formação de licenciado já atuava como professor em algumas escolas da cidade como docente da disciplina da Matemática. Atualmente, com oitenta e seis anos, atua na UCPel ministrando disciplinas para os cursos de graduação da mesma.

Lino teve sua alfabetização em casa e com oito anos, quando entrou para o Ensino Primário, ingressou simultaneamente no terceiro e no quarto ano em turnos opostos. Teve que interromper seus estudos com dez anos para ajudar sua família, pois conta que eram muitos irmãos e como ele era o mais velho se sentia na obrigação de ajudar os pais na criação dos menores. Durante o tempo que ficou afastado da escola conta que sempre estudava sozinho. Interpreta que sua trajetória foi autodidata, pois não tinha alguém que orientasse para estudos. Com dezesseis anos, realizou os Exames de Madureza que lhe conferiu o diploma de conclusão do Primário e do Ginásial.

Sua atuação como professor começa em 1947, quando tinha dezessete anos, tendo sido chamado por um amigo para lecionar aulas de matemática em um curso para a preparação de estivadores no Porto de Pelotas, mesmo sem registro profissional. Segundo conta, ser professor de matemática já era seu sonho de infância. Desde então, não parou de atuar como professor, tendo lecionado em importantes instituições de ensino da cidade, como o Colégio Municipal Pelotense, o Colégio Santa Margarida e o Colégio Gonzaga. Posteriormente, tornou-se professor UFPel e da UCPel, onde atua até hoje, como já mencionado.

A trajetória de Lino não é uma trajetória única. No Brasil, os cursos de Licenciatura foram rearranjados a partir da década de 30 com o Estatuto das Universidade Brasileiras, sendo alocados dentro das Faculdades de Filosofia Ciências e Letras (FFCL), as quais tinham como um dos objetivos, oferecer cursos de formação de professores para o Ensino Secundário (SALANDIM; GARNICA, 2014).

A pouca oferta de cursos de licenciatura no país tornou-se um problema mais grave a partir de 1942, quando foi promulgada a Lei Orgânica do Ensino Secundário (Reforma Capanema), instituindo um Ensino Secundário com dois ciclos, um primeiro ciclo de quatro anos (ginásial) e o segundo ciclo de três anos, nas modalidades clássico e científico, o que provocou um aumento significativo de estudantes no Ensino Secundário, porém, o número de professores ainda era muito abaixo da demanda, conforme aponta Baraldi e Gaertner (2010),

[...] a formação dos docentes atuantes na escola secundária em todas as áreas do ensino era precária, sendo que, em 1932 havia no país 342 estabelecimentos com 65.000 alunos e em 1954 havia o registro de 1.771 ginásios com rol de matrículas de 536.000 alunos. Nos últimos vinte e cinco anos (1932) este crescimento foi de 500%. Mas, apesar deste crescimento quantitativo, faltou à escola secundária o correspondente crescimento qualitativo, sendo o seu ponto mais crítico a precária formação do professorado [...]

(Ibid., p.163)

Uma alternativa encontrada pelas autoridades da época para “acelerar” a formação de professores que atuariam no ensino secundário foi a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), que dentre suas ações destacamos os Exames de Suficiência, nos quais o Ministério da Educação (MEC) organizava cursos preparatórios e uma prova que, uma vez aprovado, oferecia ao candidato o registro profissional que o

autorizava a lecionar em cidades onde não houvessem faculdade de Filosofia. (BACKES; GAERTNER, 2007)

No âmbito do Rio Grande do Sul a falta de cursos de formação de professores não se diferia do cenário nacional. O primeiro Curso de Licenciatura em Matemática teve sua criação em 1942, na Universidade de Porto Alegre, que mais tarde federalizada viria a ser chamada Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (BÚRIGO, 2010). Em Pelotas, o primeiro curso superior de formação de professores de matemática foi criado em 1960, pelo Decreto Federal 47.737, publicado em 08/02/1960, no âmbito da UCPel (BRASIL, 1960).

Lino, que já atuava desde a década de 50, conta que precisou obter o reconhecimento para atuar como professor de matemática, e o mesmo se deu em duas etapas. A primeira etapa, com dezoito anos, realizada a partir de um prova, em Porto Alegre no ano 1954, que lhe proporcionou o Registro de professor.

O concurso que o mesmo tivera que prestar era composto de duas partes, uma prova sobre cultura geral e outra sobre conhecimentos específicos de matemática. Abaixo segue uma fala onde o mesmo nos conta detalhes das provas,

O concurso era constituído de uma prova que eles chamavam de cultura geral. Tinha que saber um pouco de história do Brasil, um pouco de história, de geografia do Brasil. Tinha que saber alguma coisa de línguas, entende? Dá um pequeno trecho... a gente escolhia língua, eu escolhi o francês que eu me dava bem, e uma prova de aritmética. Quer dizer, se você roda em uma das disciplinas daquelas de cultura geral, você já não vai fazer o concurso da disciplina mesmo, que consistia numa prova de duração de cinco horas e uma aula que tinha 24 horas para preparar. O concurso consistia nisso. Bom eu passei naquela prova de cultura geral e aí fui pra outra e, na outra, foi melhor, porque daí eu já tinha algum treino. [...] Então tinha que fazer um plano de aula para entregar para a banca. Mas eu nunca tinha feito isso. Nunca. Isso era novo. Mas como eu ia fazer o concurso conversei com algumas outras pessoas que já tinham feito e que alguns eram licenciados, como o Caldelas, entende? O irmão Apolinário, que era do Gonzaga, também conversei com ele. O Luis Carlos já tinha feito esse concurso, era mais velho do que eu. E ele disse “– Então, é melhor tu comprar aí um livro de técnicas de elaboração de planos de Ensino e tal”.

[...] Bem, daí peguei o registro e fiquei dono do meu nariz, felizmente, com dezoito anos.

(LINO, 2014.p.18)

Para esse concurso que lhe ofereceu um registro de professor, Lino conta que estudava sozinho para os temas específicos e de cultura geral, mas precisou da ajuda de alguns colegas mais experientes para a elaboração de um plano de aula, pois ainda não

tinha tido Formação pedagógica. Ao ser aprovado ele consegue o registo como mostra a foto a seguir.

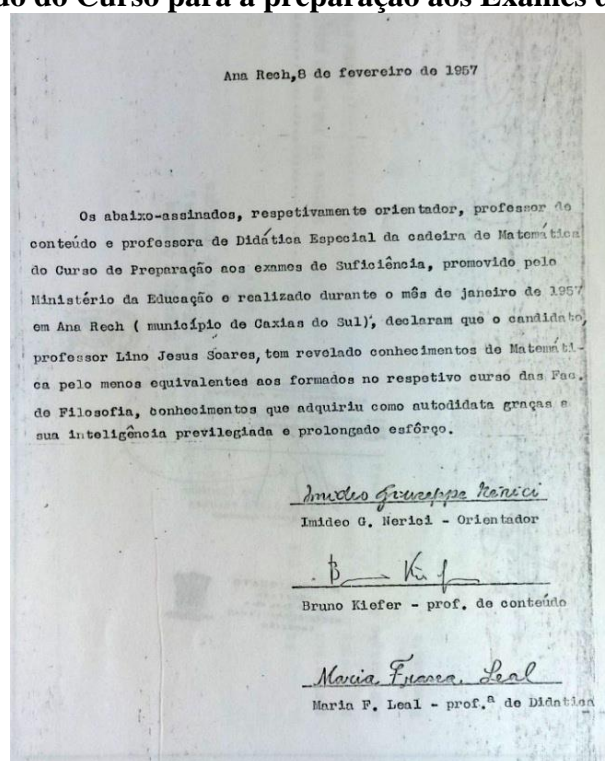
Figura 1 - Certificado de Registro de Professor



Fonte: Acervo pessoal de Lino de Jesus Soares

A segunda etapa para obtenção de reconhecimento como professor, deu-se com a participação no curso de suficiência promovido pela CADES em 1957, no município de Caxias do Sul, na Serra Gaúcha. O referido curso seguia o padrão dos cursos para os Exames de Suficiência realizados em outros estados do país, com duração de um mês, geralmente, nos meses de janeiro ou julho e contavam com duas disciplinas, Didática Geral e Conhecimentos Específicos de área (BACKES; GAERTNER, 2007). Lino conta, que o curso funcionou para o preenchimento de sua formação pedagógica, além de lhe render uma declaração de competência suficiente, indicado na figura abaixo.

Figura 2 - Certificado do Curso para a preparação aos Exames de Suficiências (1957)



Fonte: Acervo Pessoal de Lino de Jesus Soares

A respeito da atuação da CADES no Rio Grande do Sul, ainda há muitas questões a serem explicadas, mas que não serão explanadas aqui, suscitadas pela indicação do entrevistado à respeito de como se davam os processos para a obtenção do Registro, que no caso de Lino, por exemplo, lhe foi concedido em 1954 e o Exame de Suficiência tendo sido prestado três anos depois, o que se diz contrário a ordem de rigor que a Campanha estabelecia.

Lino ao falar de sua trajetória profissional sempre remete à um grupo de professores de matemática da cidade, que junto com ele articularam-se na busca da profissionalização. Fazendo uma análise das memórias desse sujeito, uma marca forte em suas narrativas é a declaração de que estes processos não se trataram de conquistas individuais e, isso está presente, quando por exemplo, para conseguir sua própria suficiência precisou pedir ajuda a seus colegas para realizar um plano de aula.

A articulação entre os professores de Pelotas, especificamente os de matemática, institucionalmente pode ser identificada, a partir da existência de dois mecanismos de articulação, a Associação Sul Rio-grandense de Professores (ASRGP) e o Centro de Estudos Matemáticos (CEM).

A ASRGP foi fundada em 1929, com o intuito de funcionar como uma entidade representativa dos professores e, entre seus objetivos principais, elencados no seu estatuto, estavam

[...] a luta pelo aperfeiçoamento da instrução e da educação no Rio Grande do Sul, introduzindo métodos e processos novos adaptando outros já usados em alguns países, criando bibliotecas, gabinetes e laboratórios pedagógicos, realizando palestras, promovendo congressos, caravanas de professores, etc.;

(Estatuto da Associação Sul-Rio-Grandense de Professores, Pelotas, 1953, *Apud* LEON; AMARAL, 2010, p.10)

Os cursos de capacitação oferecidos pela Associação tinham destaque dentre as suas atividades. Eram realizados com frequência, ministrados tanto por professores da região quanto por pesquisadores de fora renomados, com várias temáticas específicas (LEON; AMARAL, 2010). Dentre esses, na década de 50, Lino participou do curso “Técnica de Ensino”, ministrado pelo professor Luiz Alves de Mattos³³⁷, visando complementar sua formação pedagógica. Ele admite que, com relação a conteúdo específicos de matemática, aprendera sozinho, mas que sentia uma defasagem em sua instrução didática, o que o fez recorrer aos cursos.

Apesar da existência da ASRGP, que figurava como um importante fórum de debates relacionados à educação, de maneira mais geral, Lino conta que era reconhecido que faltava um espaço específico que desse conta de estudos relacionados à matemática. Em função disso, juntamente com Edilberto Amaral, foi criado, em 1955, o Centro de Estudos Matemáticos para preencher essa demanda.

O CEM (1955-1959) organizou palestras e cursos específicos sobre matemática, trazendo professores que na época atuavam em instituições da capital, como foi o caso de Ernesto Bruno Cossi³³⁸, que ministrou uma palestra sobre Topologia Geral, de Ary Nunes Tietböhl³³⁹, com uma exposição sobre “A invenção do Cálculo Infinitesimal”, de Martha

³³⁷ Luiz Alves de Mattos(1907-1980), professor do então Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil em 1948, tendo sido expressiva sua contribuição ao pensamento educacional Brasileiro, com uma ação efetiva no campo da Didática. (CARVALHO, 2000)

³³⁸ Ernesto Bruno Cossi (?-?), foi professor chefe do departamento de Ensino do Instituto de Matemática e Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1959, além de diretor do Instituto de Matemática da mesma universidade no período 1967-1969. (TAITELBAUM, BRIETZKE, s/d).

³³⁹ Ary Nunes Tietböhl, (1912 - 1998) foi um dos professores fundadores da Faculdade de Filosofia da UFRGS em 1942. Em 1945, passa a integrar o quadro de professores da Faculdade Católica

Blauth de Menezes³⁴⁰ e Joana de Oliveira Bender³⁴¹ que, em 1956, também contribuíram trazendo um debate sobre “Mudanças Estruturais no Ensino da Matemática”.

Além disso, o CEM incentivou, inclusive financeiramente, a participação de seus membros em eventos relacionados à matemática que ocorreram fora da cidade. Nesse sentido, Lino conta que além do incentivo do Centro, também teve apoio do Colégio Santa Margarida, onde trabalhava na época, para participar do II Congresso Nacional do Ensino de Matemática, realizado em 1957, em Porto Alegre, o que lhe rendeu um convite, para publicar um artigo na Revista Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, naquele mesmo ano.

O artigo dele, intitulado “Problemas da Matemática Contemporânea”, aborda aspectos sobre a filosofia da matemática, com uma abordagem relacionada ao *logicismo* de Russel, o *formalismo* de Hilbert e *intuicionismo* de Luitseu Von Braun. (SOARES, 1957)

A existência da ASRGP e do CEM não resolveu a falta de uma formação a nível superior para os professores de matemática de Pelotas, o que desencadeou uma esforço coletivo na direção da reivindicação da institucionalização de um curso de matemática, que acabou sendo criado pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel) em 1960.

A motivação para a criação do curso se dava porque os professores da cidade enxergavam que precisavam garantir sua estabilidade profissional, por se sentirem preocupados com a possível chegada de profissionais licenciados, o que poderia tirar-lhes as oportunidades de trabalho que dispunham, uma vez que, a maioria, possuía apenas os cursos de suficiência da CADES. (LINO, 2014).

O Curso de Matemática, oferecido pela UCPel, foi criado segundo o Decreto Federal já mencionado, tendo sido o primeiro curso de formação de professores de Matemática da região, estando em funcionamento até hoje. Teve seu início com o sistema anual, com aulas matutinas e vespertinas. Obteve o reconhecimento do Ministério da

de Filosofia, hoje Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), atuando por 35 anos. (CALÁBRIA, 2010, p.54).

³⁴⁰ Martha Blaus de Menezes (1924-?), foi uma das primeiras professoras licenciadas em Matemática no Rio Grande do Sul-RS e também uma das primeiras professoras da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul (URGS). Além de atuar como professora em algumas instituições de cunho importante no RS, como o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, professora Martha estava sempre engajada nos movimentos modernizadores que surgiram nos anos de 1960 e 1970. (BÚRIGO, 2013,)

³⁴¹ Joana de Oliveira Bender (?-?), licenciada em 1947 e no início da década de 50 participou de iniciativas voltadas a formação continuada de professores no Instituto de Educação General Flores da Cunha, escola de cunho importante de Porto Alegre. Além disso, na década de 50, Joana orientou cursos de Didática da Matemática e tópicos da Teoria dos Conjuntos. (BÚRIGO, 2010, p.94-95)

Educação em 1967 pelo Decreto 60.061, 13/01/1967 (BRASIL, 1967). Em 1984, foi transformado em Curso de Ciências – Habilitação Matemática, pela portaria 045/ MEC de 09/02/1984, mas em 1990 retoma na modalidade de Curso de Matemática- Licenciatura Plena.

Além do curso ofertado pela UCPel, em Pelotas, outros espaços de formação de professores se institucionalizaram após a década de 60, como o Projeto Nacional para a Melhoria do Ensino de Ciências (PREMEN), com os cursos de Licenciatura Parcelada Experimental para professores Leigos em Ciências e Matemática (ELIAS, 1977), e o Curso de Licenciatura Plena em Matemática oferecido pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que, merecem um estudo sistemático e específico, que não serão apresentados aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou apresentar, através das memórias de um professor, um panorama das articulações dos professores de matemática do município de Pelotas em busca da profissionalização desta categoria, passando pelo reconhecimento dado pelo Registro concedido pelo MEC na década de 50, até a pressão coletiva da população para a criação de um curso de formação de professores. (LINO, 2014).

Dentre os resultados já alcançados, o trabalho apresenta um quadro dos movimentos realizados pelos professores na procura de atualização, que podem ser representados pela ASRGP e o CEM, fóruns que além de servirem de locais para debate, desempenhavam papel de representações dos professores de Pelotas, promovendo palestras e possibilitando a socialização dos professores da cidade por outros fóruns no país.

Esse trabalho contempla algumas memórias de uma entrevista, feita com um professor de matemática de Pelotas que produziu fontes orais as quais serão usadas posteriormente em outros trabalhos.

Para esse recorte apresentado aqui, foram utilizadas uma primeira análise destas memórias e dessa análise, foi possível identificar articulações dos professores sem formação superior, entorno de mobilizações coletivas tentando se estabelecer como professores de matemática.

Vale ressaltar que o trabalho ainda está em andamento, e que, espera-se com o avançar das análises e o acréscimo de questões que não foram contempladas ainda, como por exemplo a atuação da CADES no estado, os cursos oferecidos pelo PREMEN e a criação do curso de Licenciatura em Matemática da UFPel, ajudar a explicar melhor como funcionou a formação de professores de matemática no município de Pelotas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto nº 47.737, de 2 fevereiro de 1960. Concede autorização para o funcionamento de cursos da Faculdade Católica de Filosofia de Pelotas. Diário Oficial, Brasília, DF, 8 de fevereiro de 1960. Seção 1, p. 2060.

BRASIL. Decreto nº 60.061, de 13 de janeiro de 1967. Concede o reconhecimento aos Cursos de Ciências Sociais, Matemática, Física e História Natural da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Pelotas. Diário Oficial, Brasília, DF, 17 de janeiro de 1967. Seção 1, p. 675.

BRASIL. Portaria nº 45, de 09 de fevereiro de 1984. Autoriza conversão de curso da Universidade Católica de Pelotas. Diário Oficial, Brasília, DF, 13 de fevereiro de 1984. Seção 1, p. 2169.

BACKES, T; GAERTNER, R. Educação e memória: inventário das obras publicadas na área de matemática pela campanha de aperfeiçoamento e difusão do ensino secundário (CADES). *Dynamis*. n. 13, vol. 1, p. 21-28, out./dez. 2007.

BARALDI, Ivete Maria; GAERTNER, Rosinéte. Contribuições da CADES para a Educação (Matemática) Secundária no Brasil: uma Descrição da Produção Bibliográfica (1953-1971). *Bolema*, Rio Claro, v. 23, n. 35, p. 159-183, abr. 2010.

BÚRIGO, E. Z. Tradições Modernas: reconfigurações da matemática escolar nos anos 1960. 2010. *Bolema*, Rio Claro, v. 23, nº 35B, p. 277-300, abril 2010.
_____. *Vozes, ecos e versões nos discursos inovadores sobre o ensino de matemática*. No prelo.

BÚRIGO, E. Z.. A Matemática Moderna na UFRGS: o protagonismo dos professores da universidade. In: Claudia Regina Flores; Joseane Pinto Arruda. (Org.). *A matemática moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: contribuição para a história da educação matemática*. 1ed.São Paulo: Annablume, 2010, v., p. 89-116.

BÚRIGO, E. Z.; FISCHER, M. C. B.; SANTOS, M. B. (org.). *A matemática moderna nas escolas do Brasil e de Portugal: novos estudos*. 1. ed. Porto Alegre: Redes, 2008.

BÚRIGO, E. Z.. Martha Blauth. In: Wagner Rodrigues Valente. (Org.). Educadoras Matemáticas: Memórias, Docência e Profissão. 1ed.São Paulo: Livraria da Física, 2013, v. 1, p. 247-260.

CALABRIA, A. R. Primeiro Colóquio Brasileiro de Matemática: identificação de um registro e pequenas biografias de seus participantes. 2010. 174 f. Mestrado. Instituto de Geociências e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

CARVALHO, M. S.. Construindo uma Didática Experimental no Rio dos Anos 50/60. In: I Congresso Brasileiro de História da Educação, 2000, Rio de Janeiro. Educação no Brasil: História e Historiografia, 2000. v. 1.

ELIAS, R.A.. Atestado de exercício profissional de Professora de Matemática no Curso de Licenciatura Parcelada Experimental para professores Leigos em Ciências e Matemática – PREMEN/CECIRS/UFPEL. Ministério da Educação e Cultura (MEC), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Faculdade de Educação, 1977. Acervo pessoal de Regina Al-Alam Elias.

FISCHER, M.C.B. As classes-piloto implementadas pelo GEEMPA, em tempos de matemática moderna. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5, Aracaju, 2008. O ensino e a pesquisa em história da educação: 5. Congresso Brasileiro de História da Educação. *Anais...* São Cristóvão: UFS; Aracaju: Univ. Tiradentes, 2008. p. 1-7.

GARNICA, A. V. M.. História Oral e História da Educação Matemática: considerações sobre um método. Trabalho apresentado no I Congresso Ibero Americano de História da Educação Matemática, Covilhã, Portugal, 2011.

INSTITUTO DE MATEMÁTICA- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Ex- Diretores . Disponível em: <http://www.ufrgs.br/mat/institucional/historia/ex-diretores>. Acesso em: 15 de ago. 2015.

LEON, A. D.; AMARAL, Giana Lange do. Associação Sul - Rio- Grandense de Professores e Associação Católica de Professores: Apontamentos sobre a organização do professorado nas décadas de 1930 e 1940. Revista Brasileira de História da Educação. n°. 3, p. 169-195, 2010.

PEREIRA, L. H. F. *Os discursos sobre matemática publicados na Revista do Ensino/RS (1950 - 1970)*. Tese – Doutorado em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

PORTELLI, A.. Ensaio de história oral / [seleção de textos Alesandro Portelli e Ricardo Santhiago; tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago]. – São Paulo : Letra e Voz, 2010.— (Coleção ideias)

RIOS, D. F. Educação Matemática no Rio Grande do Sul: instituições, personagens e práticas (1890-1970). Projeto de Pesquisa. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2014. 12 f.

RIOS, D. F.; BURIGO, E. Z.; OLIVEIRA FILHO, F.; MATOS, J. M. *O Movimento da Matemática Moderna: sua difusão e institucionalização*. In: OLIVEIRA, M. C. A. de; SILVA, M. C. L. da; VALENTE, W. R. (Org.). *O Movimento da Matemática Moderna: história de uma revolução curricular*. 2011.

ROLKOUSLKI, E. . *Histórias de Vida de Professores de Matemática*, Bolema, Rio Claro (SP), p.63-88, 2008.

SILVA, Circe Mary Silva da. A faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e a formação de professores de Matemática. In: 23a. Reunião Anual da ANPED, 23, 2000, Caxambu. Anais da 23a Reunião Anual da ANPED, 2000.

SOARES, LINO DE JESUS. Entrevista. Pelotas, 15/09/2014.

SOARES, LINO DE JESUS. Certificado do Curso Intensivo Técnica de Ensino, ministrado por Luíz Alves de Mattos, Associação Sul – Rio - Grandense de Professores, Pelotas, 1955. Acervo pessoal de Lino de Jesus Soares.

SOARES, LINO DE JESUS. (1957). Problemas da Matemática Contemporânea. Revista da Faculdade Nacional de Filosofia, p.119-134, outubro de 1957. Acervo pessoal de Lino de Jesus Soares

TAITELBAUM, A.; BRIETZKE, E. “Um pouco da história do Instituto de Matemática da UFRGS”. s/d. Disponível em: . Acesso em agosto de 2015.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.